

# mulheres: Vocação, papel?

---

- artigo
  - in "Mudar-a-vida" nº 39
  - texto da conferência de Poitiers
- 

maio 82

**MARIA DE LOURDES PINTASILGO**

**PRIMEIRO MINISTRO**

Fundação Cuidar o Futuro



## I - MULHERES - VOCACÃO, PAPEL ?

Porque muita confusão se tem enxertado na tentativa de "definir" quem são as mulheres e o que fazem, vou distinguir cinco níveis:

1. A mulher é uma das duas formas (géneros) sob os quais conhecemos a espécie humana.

Não é ao nível dos caracteres particulares que se faz a distinção entre os sexos. Biologicamente todo o ser humano, tem características femininas e masculinas, mas é a configuração predominante das características (Gestalt) femininas ou masculinas que determinam o género mulher ou homem.

Não é tão pouco ao nível exclusivamente cultural que a mulher e o homem se definem. Se é certo que a vida de uma e de outro se vai girando de acordo com os valores culturais ambientes, esses valores são também marcados pela experiência humana colectiva que se **apreende** enquanto masculina e feminina.

Não faz, pois, sentido, falar de pessoa humana em abstracto como categoria neutra, assexuada. Sobretudo deixa de fazer sentido se a uma terminologia filosófica sem sexo, corresponde uma realidade sociológica de discriminação contra a mulher- nesse caso utilizar o conceito de pessoa humana no abstracto equivale a recuperar apenas a experiência masculina e a estabelece-la como paradigma.

No nosso tempo a realidade bi-sexuada da pessoa humana é comprometida pelo que aparentemente pertence ao nível da "libertação sexual" e da "igualdade entre os sexos". Refiro-me, em particular, à camuflagem da dominação masculina que constituem a quase total mixidade de todas os actos e instituições e a generalização de atitudes e comportamentos com características de unisexo.

Num e noutro caso, é o modelo masculino que se impõe e generaliza - das calças em vez de saias à redução dos afectos à mera ejaculação genital.

Neste contexto, falar da "vocação da mulher" não tem o mais pequeno conteúdo. De facto a mulher é mulher e torna-se mulher, não em resposta a um apelo que lhe seria dirigido, mas como resultado das múltiplas dimensões da existência em que cada ser humano se reconhece, se exprime e se realiza. As mulheres existem em condições bem concretas e é, em cada momento da história, a forma como o ser-mulher existe que nos diz quem são as mulheres.

2. A mulher, como o homem, define-se na sociedade não só pela forma como se assume, (na relação consigo mesma) mas pela expressão que toma a sua relação com os outros e com o mundo. Nas sociedades que temos conhecido até agora as relações de parentesco estruturam o corpo social mais vasto e têm definido prioritariamente a situação das mulheres. Assim é que tradicionalmente as mulheres são descritas como casadas, solteiras, viúvas, divorciadas.



Numa civilização em que o homem é a norma e o eixo de todas as relações, os "estados de vida" referidos tendem a subordinar a situação da mulher à relação concreta com o homem. E se é certo que todo o esforço de igualdade entre os homens e as mulheres levou a nossa civilização a definir, à escala do planeta e especificamente através da ONU, a idade mínima de casamento, o imperativo do consentimento da mulher para o casamento, a protecção das mulheres viúvas ou divorciadas no que diz respeito ao sustento da família e à educação dos filhos (permanecendo ainda, por exemplo, em muitos países, a total subordinação da mulher solteira, à família) se é certo que tal esforço foi e é necessário ele perpetua a convicção de que a relação da mulher ao homem é a situação que prioritariamente a define.

Para verificar os efeitos negativos de tal convicção, importaria definir também o homem pela situação que o vincula à mulher: solteiro, casado, viúvo, divorciado, e fazer decorrer daí as exigências e as condições de exercício de outras actividades.

Todo a expressão de individualismo à "outrance" que caracteriza certas tomadas de posição dos movimentos de libertação das mulheres acabam por reforçar, paradoxalmente, esta visão da situação das mulheres. Assim se é certo que a revindicação de "un lit à soi", e de "a room of her own" são o justo grito de vidas inteiras sujeitas a uma promiscuidade violadora da intimidade e do mistério da existência, o que é facto é que as formas assumidas na prática pelas mulheres não introduzem agora novas formas de estruturar relacionalmente a sociedade. Pelo contrário, reforçam a tendência urbanística tecnocrática e não-convivial e não dizem porque as não vivem, as novas condições das comunidades: de interesses e de afectos em que poderá assentar outra civilização.

É certo que muitas mulheres - e, número suficientemente grande para que um salto qualitativo se pudesse produzir - têm feito estalar o quadro estreito em que a relação ao homem se processava e a sua exclusiva definição social como "mulher de...". Mas dados os campos de força a que todos os indivíduos se encontram permanentemente sujeitos mesmo sem a eles aderirem pela vontade, a autonomia procurada não é senão aparente, pelo menos nesta fase de evolução. O mimetismo que atravessa todos os comportamentos encontra terreno fácil no espírito e no tempo disponíveis. É assim que vemos naufragar na mais repetitiva monotonia o que na sua singularidade fora um grito de liberdade e de autenticidade

Neste contexto, não pode aceitar-se que a mulher seja descrita - e que se lhe atribuem vocação, deveres, missão, em termos de "família" e, especificamente, da família nuclear. A não ser que correlativamente o homem o seja também.

Falar da família não diz só respeito à mulher; mem falar da mulher equivale só a falar da família.

Não é em estruturas de complementariedade que a igualdade entre o homem e a mulher se pode exprimir. Estruturas de reciprocidade entre o homem e a mulher são a exigência social da igualdade entre o dois sexos.

3. É à mulher, pessoa humana por inteiro, que se dirige a vocação - à mulher que se assume, que se relaciona com os outros, que intervém no mundo e na história. A vocação é uma resultante complexa dum apelo onde se confundem as "vozes" vindas da experiência, os sinais de Deus, as aspirações sentidas e reflectidas.

Por isso a vocação exprime a orientação e o sentido, o alcance e a profundidade de uma vida. Vida que se inscreve num projecto - matriz de todas as escolhas, bússola de todas as decisões, horizonte de todos os caminhos. É esse projecto que dá sentido tudo o resto. Dele dizemos que faz sistema com as componentes diferenciadas da vida da mulher. As relações são parte desse projecto. As actividades são igualmente sua expressão.

O estado de vida das mulheres não é pois nunca o equivalente da vocação. Para que o estado de vida possa ser assumido numa vocação, também ele tem de fazer parte de um projecto. Quando, nos tempos de hoje, muitas mulheres rompem a relação que sustentara o seu casamento, fazem-no por terem pensado um dia que a vida a dois era um projecto. E a confusão tende a perpetuar-se em novas relações, com eventuais novas roturas, ~~mas~~ enquanto a vida não fôr assumida como projecto - ou, na espiritualidade cristã, como resposta a uma vocação.

A vocação está longe de ser definida unicamente ao nível da gestão da sexualidade. A sexualidade integrada na vida da mulher não é apenas a que não tem medo de assumir os riscos e as renúncias duma vida afectiva intensa. É também e sobretudo a sexualidade que se conhece na sua relação específica e pessoal ao trabalho, ao dinheiro, à autoridade, à violência, ao poder, a tal mecanismo psicológico, etc. É a sexualidade que se articula com os outros aspectos do projecto de vida.

Fica pois esvaziada de significado a vocação que se reduz à gestão da sexualidade e, no limite, ao estado de vida. A vocação é um apelo hoje, coextensiva ao tempo que nos é dado viver e que é de hoje. A fidelidade que lhe está associada não decorre do estado de vida escolhido no passado mas da força com que é procurada a realização subjectiva e objectiva do projecto de vida. É a realização do projecto de vida que é costume chamar "missão".

4. É frequente ver referências ao "papel da mulher". Não há um papel específico da mulher que a remeta para atitudes próprias.

O papel de alguém é posição relativa assumida nos conjuntos humanos, nas comunidades. Assim, aquilo a que se chama o "papel" corresponde sempre à expectativa do outro, ao investimento afectivo dos outros, e, por isso, necessariamente, aos equilíbrios de poder no seio das comunidades.

É costume dizer que o papel da mulher é ser mãe. E de facto, em qualquer conjunto humano, há sempre uma ou outra mulher em relação à qual há uma expectativa de relação maternal. Mas isso de modo algum significa um dado imutável da condição da mulher em todas as situações.

Na vida das mulheres hoje a maternidade, com todas as suas implicações, implica 15 ou 20 anos - o mesmo tempo que implica um curso médio ou universitário. Durante esse período, o papel de mãe será, certamente, importante, mas atenua-se noutras fases e noutras condições de existência.

Por outro lado, os papéis assumidos não são independentes do facto de se ser mulher. Se o papel tem que ver com a inscrição do desejo do outro no nosso próprio comportamento, ele não se desenha fora da esfera da sexualidade. Surgem, assim como perfeitamente contraditórias as posições de certos grupos (vetero-)feministas que consideram que os papéis do homem e da mulher são perfeitamente insubstituíveis.

Os papéis ligam-se directamente à condição de ser mulher e não especificamente à vocação. Mantêm laços de coerência lógica com a vocação mas são-lhe, de facto, exteriores, no sentido de que não são "exigidos" pela própria vocação. No interior de cada vocação inscrevem-se, num dado momento do tempo, tantos papéis quantas as comunidades humanas a que a mulher estiver ligada. E sucedem-se, ao longo de uma vida, tantos papéis quanto os sucessivos grupos humanos e a fase própria da realização da vida da mulher o permitirem.

5. Por último, as mulheres têm de realizar numerosas funções. A função tem que ver com o conjunto de tarefas definidas em relação a um determinado trabalho a realizar. Têm que ver sobretudo com a relação ao mundo na sua forma imediata de interacção com as coisas, as ideias, as instituições, através do trabalho.

A vida das mulheres caracteriza-se na prática, pela multifuncionalidade. É também paradoxal que a riqueza que decorre dessa multiplicidade de funções tenda hoje a ser, cada vez mais, reduzida aos esquemas tecnocráticos e unidimensionais que regem os agentes da produção

As funções são independentes de se ser mulher; são resposta ao mundo. Não estão ligadas à vocação. Não decorrem necessariamente de um estado de variar. Variam com os tempos e os lugares e com o trabalho concreto a realizar. Podem decorrer do papel a desempenhar, fazendo parte da sua economia própria.

